

A Influência da Lua nas Vivências e nas Interpretações Culturais a partir do Olhar *Akwẽ/Xerente*

Alexandre Chaparzane Xerente¹
Odair Giraldin²

¹Escola Estadual Indígena Sremtowe, Aldeia Porteira, Tocantínia, TO, Brasil

²Universidade Federal do Tocantins, Porto Nacional, TO, Brasil

Resumo

Este artigo busca analisar e salvaguardar as vivências culturais em relação às influências da Lua no olhar *Akwẽ/Xerente*. Portanto, será abordada a influência que a Lua tem como guias para ações e importância ao povo *Akwẽ/Xerente*, para assim, manterem conhecimento tradicional e a identidade do povo *Akwẽ*. Além disso, as indicações dadas pela Lua são de uma contribuição enorme para a comunidade em geral, já que estará escrita a importância da influência da Lua para a população indígena *Akwẽ*.

Palavras-chave: Cultura *Akwẽ*. Vivência. Salvaguardas. Lua.

The Influence of the Moon on Experiences and Cultural Interpretations from the *Akwẽ/Xerente* Point of View

Abstract

This article seeks to analyze and safeguard cultural experiences in relation to the influences of the Moon in the *Akwẽ/Xerente* case. Therefore, the influence that the Moon has as guides for actions and importance to the *Akwẽ/Xerente* people will be addressed, in order to maintain traditional knowledge and the identity of the *Akwẽ* people. In addition, the indications given by the Moon are of an enormous contribution to the community in general, the importance of the influence of the Moon for the *Akwẽ* indigenous population will be written.

Keywords: *Akwẽ* Culture. Experience. Safeguard. Moon.

Recebido em: 10/02/2022

Aceito em: 23/01/2023



Este trabalho está licenciado sob CC BY-NC-SA 4.0. Para visualizar uma cópia desta licença, visite <https://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/4.0/>

1 Introdução

O povo indígena Xerente (autodenominados *Akwẽ* [gente importante]), fala a língua *Akwẽ* a qual é pertencente ao tronco linguístico Macro-Jê (GIRALDIN, 2002). Pelo fato de Xerente não ser autodenominação, mas ser um termo muito utilizado para se referir ao meu povo, opto aqui por escrever tanto *Akwẽ* quanto *Akwẽ/Xerente*. Vivemos atualmente nas Terras Indígenas Xerente e Funil, situadas no município de Tocantínia, Estado do Tocantins, distantes cerca de 80 quilômetros de Palmas, capital do Estado, e localizadas entre a margem direita do rio Tocantins e a margem esquerda do rio Sono.

A população *Akwẽ/Xerente*, em 2020, estava em torno de quatro mil pessoas. Esse total estava distribuído em 94 (noventa e quatro) aldeias, considerando aqui também as aldeias que ainda estavam em processo de criação. Tais aldeias integram ambas as terras indígenas, ocupando 183.542 hectares de área demarcada, sendo que as duas formam uma terra contínua.

A primeira área demarcada, chamada por nós de Área Grande, foi delimitada pelo Decreto n. 71.107, de 14 de setembro de 1972, demarcada pelo Decreto n. 76.999, de 8 de janeiro de 1976, e homologada pelo Decreto n. 97.838, de 16 de junho de 1989, com extensão de 167.542,105 hectares. A segunda área, chamada Funil, foi delimitada pela Portaria n. 1.187/E/82, de 24 de fevereiro de 1982, e homologada pelo Decreto n. 269, de 29 de outubro de 1991, com extensão de 15.703,797 hectares.

Ao longo dos anos, nosso povo tem atraído o interesse de diversos pesquisadores em busca de informações sobre a língua, a classificação social, as divisões de gênero e de trabalho, como os etnólogos Nimuendajú (1942), Maybury-Lewis (1990), Farias (1994) e Lopes da Silva e Farias (1992). Durante os anos 1990, além de Farias e Lopes da Silva, outros pesquisadores também se dedicaram a estudar os *Akwẽ/Xerente*. De Paula (2000), a partir de trabalhos de campo na década anterior, abordou os aspectos políticos tanto interna quanto externamente, porém mostrando essas relações a partir da lógica cultural *Akwẽ/Xerente*. A questão política também foi objeto de estudo de Schroeder (2006) – tese de doutorado apresentada em 2006, mas fruto de pesquisas no final dos anos 1900 e começo dos anos 2000 – associando-a ao parentesco. Merecem destaque tanto os trabalhos desenvolvidos por Raposo (2009) relacionando gênero e parentesco, a dissertação de Morais-Neto (2007) e sua tese (MORAIS-NETO, 2020) tratando, respectivamente, da biografia e da prática xamânica de *Sawrepte*, quanto a dissertação de Melo (2010) sobre meio ambiente, diversidade e educação e, mais recentemente, Melo (2016) escreveu uma tese sobre cosmologia e xamanismo entre os *Akwẽ/Xerente*.

Assim, este artigo vem contribuir com esses estudos, mas apresentando como principal característica uma abordagem feita por um autor nativo do próprio povo *Akwẽ/Xerente*. As pesquisas que resultaram neste artigo foram realizadas para compor a minha dissertação de mestrado em Ciências do Ambiente na Universidade Federal do Tocantins, concluída em 2022, com o título de “Cosmologia e Relações Socioambientais *Akwẽ Xerente*”, na qual abordo principalmente a importância da lua para guiar as ações do nosso povo na sua relação com o meio ambiente, porém mostrando vários outros elementos da cosmologia que também orientam os *Akwẽ/Xerente* nessa interpretação.

Para fazer esta pesquisa, entrevistei vários anciões, caçadores e também pescadores, que deram informações importantes sobre como nós *Akwẽ* nos relacionamos com a roça, a prática da caça e na relação com as pescarias.

Aqui, neste artigo, desejo mostrar o papel relevante da lua (*wa*) para essa interpretação. Assim, o mundo celeste tem muita importância para nós, bem como tem para outros povos. Espera-se contribuir e reconhecer os saberes tradicionais do povo indígena *Akwẽ/Xerente* com a observação feita empiricamente e fazer interligação dos fenômenos da natureza com os astros do céu.

Atualmente há quem se dedique ao estudo do conhecimento que diferentes povos e culturas indígenas apresentam sobre “as coisas do céu”, o que recebe o nome de etnoastronomia, sendo o prefixo etno uma complementaridade ao sentido da astronomia, enfatizando a particularidade desses conhecimentos. A etnoastronomia investiga o conhecimento astronômico de povos tradicionais atuais, ou seja, “grupos étnicos ou culturais contemporâneos” (AFONSO, 2010), principalmente por meio de registros etnográficos e relatos de tradições orais.

O céu para os indígenas não é apenas para interesse de uma pesquisa teórica, mas sim um indicador que norteia e acompanha os *Akwẽ* desde a primeira vez que o povo se originou. Muitos anciões narraram histórias da ligação com o mundo celeste, já existente desde o surgimento do povo indígena *Akwẽ*. O acompanhamento da lua como guia, no olhar *Akwẽ/Xerente*, está ligado aos conhecimentos tradicionais, os quais até hoje têm um significado importante em que os *Akwẽ* acreditam sempre.

Aqui, pretendo apresentar o mundo celeste para os indígenas *Akwẽ/Xerente*, por meio da lua que é a principal guia de referência para caçadas, pescarias, para compreender as chuvas, na gestação e partos, bem como para o trabalho com as roças de toco.

As fases da lua influenciam nas mudanças de comportamentos dos animais e na interpretação ambiental, bem como em roças de toco, cortes de madeiras, retiradas de palhas, enfim em várias situações. Por isso, a influência da lua para os *Akwẽ/Xerente* é muito importante, e ainda se mantêm vivas a relação e a interação entre o universo celeste e a natureza.

2 As Vivências na Cultura e a Lua como Guia no Olhar *Akwẽ*

As vivências culturais do povo *Akwẽ*, aqui nas terras Xerente e Funil, com a organização clânica, as festas tradicionais, a língua indígena *Akwẽ*, ainda são mantidas fortes mesmo com algumas mudanças em nossa cultura, porque qualquer cultura tem as suas alterações ao longo do tempo, porém mantendo a identidade e a valorização. Assim, a cultura do povo *Akwẽ*, mesmo com várias influências, mantém ainda o respeito (*wasiwaze*) entre os clãs e entre os indígenas. Somos pessoas que ouvimos tudo que é falado pelos mais velhos, os anciões (*wawẽ*), que são os guardiões da sabedoria ancestral, a qual está ligada ao universo celeste, com uma cosmovisão diferente. Alguns ramos da ciência exata não acreditam e não valorizam muitos desses conhecimentos.

Segundo a nossa cosmovisão, tudo está conectado à natureza. Por exemplo, para as pinturas corporais (que indicam os símbolos ligados a cada clã), a natureza oferece jenipapo, algodão, pau de leite, carvão. Então, tudo depende um do outro, até mesmo a cultura. Para fazer as pinturas corporais, Silva e Farias (1992) relatam em seu artigo “*Pintura corporal e sociedade: os ‘Partidos Xerente’*” as cores e materiais que são usados por nós:

Preto, vermelho e branco são as cores da ornamentação corporal básica entre os Xerente. O preto é conseguido com o carvão pulverizado, misturado ao “pau-de-leite” (*aremsú*), previamente colocada sobre folha lisa como a da bananeira, por exemplo. O pintor (*dasisdanãrkwa*), apoia a folha sobre a palma da mão e, ali, mistura as tintas. O corpo, untado com óleo de babaçu, recebe as grandes listras e os detalhes em preto que lhe são impostos com ajuda de uma espátula de taquara, de carimbos esculpidos em pedaços de miolo da tora de buriti, conforme o padrão desejado. (SILVA; FARIAS, 1992, p. 98)

As tradições e os rituais ajudam a manter a identidade do povo *Akwẽ/Xerente*. Por isso, nós *Akwẽ* não abrimos mão daquilo que nos caracteriza como um povo diferente. Como expressões de nossa cultura, preservamos nossa língua, os rituais e nossas festas tradicionais. Assim, juntamente com os anciões, jovens, mulheres e crianças, estaremos fortes para lutar e preservar o nosso conhecimento, o qual ninguém pode nos tirar. A forma de falar, de se manifestar, a coletividade, o *wasiwaze*, que é o respeito com os mais velhos, ouvir e falar no momento certo. Somos esse povo carinhoso, receptivo, alegre. Mesmo com tanta dificuldade, estamos sempre resistindo a tudo que acontece entre nós, mas sempre firmes.

Portanto, a vivência e a cultura *Akwẽ* estão sempre ligadas aos outros, porque viver sem cultura ficará difícil para se ter consciência da importância de manter a identidade de um povo indígena. É assim que mantemos a valorização e os conhecimentos tradicionais. E, entre esses conhecimentos, está a forma como nos relacionamos com a lua.

Enquanto os conhecimentos astronômicos ocidentais apontam quatro fases da lua (nova, crescente, cheia e minguante), para os *Akwẽ* existem três fases: crescente (*wa watbrowi*), cheia (*saptowi*) e fase escura (*mãkrawi*). Dessa forma, quando a lua aponta pela primeira vez na fase crescente (em que ela está nascendo do lado oeste), os anciões já observam. É importante essa primeira visualização para acompanhar como está apontando a lua. Quando está direcionando para direita, terá muito sol e doenças. E quando está apontando para esquerda, muita chuva. Quando está reta, não é nenhum dos dois.

Os anciões acompanham quando a lua aparece pela primeira vez na fase crescente (*wa watbrowi*) até que ela chegue na posição do zênite (que os *Akwē* chamam de *amzumre*, correspondendo ao ponto do céu em que tanto lua quanto o sol estão posicionados no “meio do céu”). Depois que passa da posição do *amzumre* (depois que passou do zênite), então vem a cheia (*saptowi*, que corresponderia ao quarto crescente, a cheia e a fase minguante), até chegar na fase escura (*mākrawi*), que é a lua nova. É assim que os anciões fazem a previsão com a passagem da lua no tempo.

Pelas suas experiências de vida, os anciões afirmam que o tempo bom para cortes de madeira é quando a lua começa a escurecer. Por exemplo: anoiteceu e a lua saiu depois da meia noite, então está bom para cortar madeira para construção para que ela não venha brocar (ser atacada por cupins ou outros insetos). Assim é assegurada a durabilidade da madeira, das palhas para cobertura, da taboca e dos caibros.

3 Influências da Lua no Plantio das Roças de Toco (*bru*)

Para o plantio, é bom quando a fase da lua começa a ficar escura (*wa watbrowi*). Então, o tempo está bom para início do plantio, pois as plantas germinam bonito, com as folhas largas e frutas boas. A mandioca dá raiz boa, o milho com espiga enorme e o arroz com cachos bem carregados. É assim que os *Akwē* acompanham as fases da lua, segundo me informou o ancião *Srēwakmōwē* (entrevistado em 2021).

As movimentações da lua sempre estão no convívio do povo *Akwē*. Por isso que no conhecimento tradicional existe a ligação com o universo celeste, sendo importante até hoje aos *Akwē/Xerente* que acreditam na cosmovisão do seu próprio conhecimento e ficam felizes com os plantios, afirmando que o arroz que plantou vai produzir bem.

E as fases da lua são importantes para utilizar o produto do plantio na roça de toco. Quando é crescente (*wa watbrowi*), não é bom plantar aquilo que vai ser guardado, como sementes que podem servir para plantio. É bom plantar as sementes das plantas que servem para consumo rápido. Agora, para guardar a semente para plantio, elas têm que ser plantadas quando está na fase da lua cheia (*saptowi*), quando começar a escurecer. Assim fica bom para guardar a semente no paiol para ser plantado, já que não tem broca na semente e não a estraga estando sempre pronta para ser semeada na roça.

Os donos da mata (*Mrāitdēkwa*)¹ têm ciúmes do seu ambiente. Por isso colocamos roça de toco de subsistência. Não é que temos preguiça de colocar uma roça grande, mas sim que existem donos para serem respeitados e preservados os seus ambientes. Essa é a informação passada pela fala do ancião *Srēwakmōwē*:

A primeira observação é da terra ou área que tem que ser boa, mesmo sem conhecimento técnico, mas com experiência. E a derrubada começa em maio para secar a roçagem e depois as derrubadas. A queimada da roça de toco é no mês de setembro, a partir do dia sete até quinze do mesmo mês. Para o fogo não espalhar, para não queimar tudo em volta, faz acero em volta da roça. E a queimada certa é a partir das 15h00, pois está um pouco menos quente e têm que ter menos ventos. Assim queima bem, para as ervas daninhas queimarem bem, para que

¹ *Tdēkwa* são considerados como seres donos-controladores dos elementos e seres da natureza. Existem diversos *tdēkwa*: *hepārwawē* (espíritos dos que morreram), *mrāitdēkwa* (dono controlador das matas), *kbazēiprā tdēkwa* (dono-controlador das caças), *tpē tdekwa* (dono-controlador dos peixes) e *kâ tdēkwa* (dono-controlador das águas) (SUMEKWA XERENTE, 2020, p. 129).

a roça de toco possa produzir bem quando é plantada (Cesarino Srêwakmôwẽ Xerente, entrevistado em 2021).

O plantio de roça de toco é muito importante para o povo *Akwẽ*. Plantam-se várias plantas ao mesmo tempo, associando a mandioca com banana, feijão, inhame, abóbora, melancia, milho, batata doce, arroz, fava e outros (Figura 1). Os saberes indígenas de cultivar e de estar conectado com as fases da lua se aliam ao fato de os *Akwẽ* não colocarem ou jogarem agrotóxicos nas plantas, já que isso viria a prejudicar a saúde das pessoas. Mas começamos a esquecer um pouco desse trabalho tradicional, por causa de alimentos industrializados comercializados nos supermercados². No entanto, temos que voltar a plantar em roças de toco tradicionais para que possamos ter alimentação de qualidade e vida saudável. As roças tradicionais forneciam carboidratos dos vegetais cultivados, adicionados com frutas coletadas sazonalmente, que eram complementadas com proteínas obtidas dos peixes e das caças (SCHIMDT, 2011).

Figura 1 – *Bru* – Roça de Mandioca, Feijão e Banana



Fonte: Arquivo pessoal de Saparzuze (2021)

O conhecimento tradicional do povo *Akwẽ*, que os anciões transmitem e as pessoas vivenciam de geração a geração, contribui para que os jovens cresçam com esse conhecimento para que ele não venha a se acabar e que cada dia se fortaleça mais e mais, porque o povo sem cultura é um povo fraco, conforme afirma um ancião: *Mas os Xerente resistem muito forte devido a sua identidade viva* (Ancião *Akwẽ*, entrevistado em 2020).

Portanto, a lua tem um significado muito importante para os *Akwẽ/Xerente* durante a sua vida, tanto para o seu trabalho na roça quanto para as suas caçadas, pescarias, cortes da madeira e construção das suas casas, plantios, pois tudo está tudo interligados ao mundo celeste.

É assim que os *Akwẽ/Xerente* acompanham e observam as fases da lua que mostra para nós como está a semana ou meses durante os anos, as relações entre as coisas da natureza com o mundo celeste, que os anciões que têm um conhecimento extraordinário, e esses conhecimentos que são adquiridos pela e para a vida.

² Um estudo sobre o processo de mudança alimentar entre os Xerente mostra a relação entre a inserção de alimentos industrializados e a prevalência de doenças crônicas não transmissíveis (ROCHA; SILVA; NASCIMENTO, 2016).

4 Influências da Lua na Pesca

Quando a lua sai pela primeira vez (*wa watbrowi*), não é bom para pescaria de nenhum peixe, porque os anciões e pescadores falam que o intestino dos peixes, principalmente os de couro, fica perto das guelras. Então os peixes ficam sem vontade de comer. É assim que os pescadores mais experientes contam. Essa é uma influência da lua nas práticas das pescarias do povo *Akwē*. Os anciões confirmam e têm a experiência de vida. Quando você pesca, ainda consegue fisgar alguns peixes, mas os peixes de couro você não consegue pescar com anzóis, porque o intestino fica perto da guelra. Os peixes de escamas não recebem tanto a influência da lua, como os peixes de couro. As fases boas da lua para pescar os peixes de couro são quando ela está na fase *wa watbrowi* (crescente, mas após a primeira semana de aparecimento), na cheia (*saptowi*) e na fase escura (*mākrawi*).

No passado, as pescarias eram tradicionalmente feitas com arcos e flechas (Figura 2), hoje em dia, é feita com redes, arpão, zagaia e outros, que acabam com os peixes. Os não indígenas não pescam como os indígenas para a subsistência do dia a dia. A pesca predatória também contribui com a escassez dos peixes nos rios, córregos, riachos, lagos, nos quais os pescadores não indígenas utilizam o arpão e as redes, uma vez que eles pescam para comercializar ilegalmente. No entanto, os peixes são alimentos que não podem faltar em nossa comunidade, já que desde criança nos alimentamos com os peixes, assados na brasa e enrolados em folhas de bananeira. Comido com beiju de mandioca, é muito gostoso. Nós ficamos preocupados com tudo que está acontecendo aos *Akwē*, de estarem se alimentando com alimentos industrializados, o que está causando várias doenças como diabetes e pressão alta. Estamos bem envolvidos com a alimentação dos brancos. As comidas tradicionais estão acabando, mas, com o que há ainda de peixes, temos que ver uma forma sustentável para garantir-los para alimentos, apesar de todas as dificuldades advindas com as pescas predatórias, com as grandes construções das barragens e com a diminuição da vazão das águas dos rios. A cada dia está mais difícil pescar, pois os peixes diminuíram bastante.

Figura 2 – Pescando com arco e flecha



Fonte: Arquivo pessoal de Osmar Simripte Xerente (2021)

É grande a preocupação dos indígenas que vivem próximos do rio Tocantins, por exemplo, porque o rio enche rapidamente e seca também bruscamente. Não tem mais a mudança sazonal de vazante e enchente, que é do verão e do inverno, devido ao controle da vazão exercida pela UHE Luís Eduardo Magalhães, no município vizinho de Lajeado (TO). No verão tínhamos várias formas de manejo da pesca e da agricultura, como os plantios de vazantes (plantávamos melancia, feijão e outros) e na pesca também. Agora não há mais o nível do rio regularmente. Antigamente no verão (meses de maio a outubro), nos meses de seca do ano, havia praias. Hoje em dia não existem mais as praias, pois elas ficaram debaixo d'água. E mesmo no inverno (período de novembro a abril) existem dias em que o rio está bem seco e em outros dias, cheio. Estamos confusos, com a escassez dos peixes em rios que frequentamos para as pescas.

Com a variação do nível do rio Tocantins, córregos, como o Piabanhas e outros que temos em áreas ou no território *Akwē/Xerente*, também sofrem alteração no seu nível. Outra coisa que se percebe é que o rio não tem mais o período de cheias como antes da barragem, quando ocorria no período certo. No ano de 2022, ele encheu mais que o previsto, devido às chuvas intensas em novembro e dezembro de 2021 e janeiro de 2022. Com conhecimentos técnicos próprios, baseados na experiência que os pescadores e os anciões têm, eles nos falam que, quando o rio fica bem cheio, espalha os peixes que vão reproduzir os ovos para futuros peixes do rio e córregos.

Outra preocupação atual é com os responsáveis pela fiscalização, que fazem de conta que fiscalizam. As pessoas pescam da forma que eles querem, sem respeito aos seres donos dos peixes (*Tpētdēkwa*). Eles não fazem como os *Akwē*, que pescam para sua subsistência do dia a dia dos seus familiares.

5 Influências da Lua nas Caçadas de Animais Silvestres (*Kbazēiprā*)

O comportamento de animais também é influenciado pelos movimentos da lua. A melhor fase da lua para as caçadas é quando ela está na sua fase mais escura (*mākrawi* – lua nova), que é quando ela fica na posição do zênite (meio-dia – *amzumre*). E quando está na lua cheia e clara (*saptowi*), é difícil encontrar caças. Por isso, os animais, como paca e veado, não andam quando há bastante luz da lua.

Na fase crescente (*wa watbrowi*), os animais ficam mais difíceis de serem encontrados, pois eles não costumam andar à noite, fazendo isso só nas fases depois da lua cheia. Assim, os caçadores *Akwē/Xerente* observaram e, com essa mesma observação, os caçadores hoje percebem que os animais diminuíram bastante no território.

Pela observação, nota-se como as variações de clima são compreendidas pelos caçadores. Quando cai o sereno no mês de maio, os animais, como veado do campo, veado catingueiro, anta e outros, diminuem sua capacidade olfativa, e isso facilita para os caçadores. Segundo os caçadores e de acordo com os conhecimentos dos anciões, a partir do mês de maio, há ocorrência de muita neblina, muito orvalho e muitos ventos. Esses ventos servem para limpar o ar de tudo que tem de ruim e que provoca doenças respiratórias nas pessoas e que também dificulta o olfato dos animais. Portanto, essas

são experiências, por meio do conhecimento tradicional, pois o povo *Akwẽ/Xerente*, desde o seu surgimento, tem o costume e o hábito de alimentação de carne de caça e de peixes, principalmente moqueada na brasa ou também feita com uma mistura de carne e mandioca que os Xerente gostam bastante, o que chamamos de paparuto. Então, é necessário descobrir uma forma de manter a caça bem preservada, sem desmatar, sem as queimadas, para que possamos ter caças no nosso território.

E, para garantir a nossa subsistência, estamos ligados a tudo que a natureza oferece, por meio dos seres donos da caça, pois os caçadores bons, aqueles que realmente são caçadores, eles conhecem quando a caça é oferecida ao caçador pelos *Tdẽkwa*, por sonho, ervas e por conhecimentos ancestrais passados pelos caçadores e anciões.

Em lua cheia (*saptowi*), os animais silvestres se assustam até com o seu próprio vulto. Em caçada de espera em galhos de árvores, na lua cheia, é difícil chegar animais como a paca ou o veado. Só as antas, às vezes, aparecem para comer a comida da espera, como a mirindiba. Durante o dia, quando começa o vento, os animais saem para sua alimentação, sendo essa uma hora boa para a caçada de tatu chita, tatu peba e outros.

Existem os caçadores experientes que têm conhecimentos dos anciões sobre plantas medicinais para atrair caças, as quais são chamadas de *rom hdu*. Os caçadores tiram as folhas e tomam banho de manhã bem cedo, antes de ir para a caçada. Eles afirmam que é só ir buscar a caça, pois as plantas são bem atrativas mesmo. Porém, é preciso ter os cuidados certos. Quando o caçador faz o rito de plantas medicinais, ele não pode dormir com a sua esposa. Tem que dormir sozinho na rede para não atrapalhar a boa caçada. Além disso, não pode comer qualquer parte da carne da caça que ele matou. Ele só pode comer a carne perto da cabeça. E também não deve jogar ossos aos cachorros para não atrapalhar a habilidade do caçador e sua relação com as caças.

Os caçadores que conhecem as plantas medicinais dificilmente vão contar para uma pessoa desconhecida quais são as que ele usa. Ele só revela para aquele que ele gosta muito. Nesse caso, ele o leva até o mato para mostrar e ensinar sobre a planta. Por isso, até hoje os *Akwẽ* não têm o nome da planta em português. Além da planta usada de forma genérica (*rom hdu*), existem outras específicas para cada animal, mas eles não costumam contar.

Dizem os caçadores que quando se está matando muita caça é porque os seres donos (*Tdẽkwa*) estão gostando do caçador. Se o caçador se empolgar e não der um intervalo de dias para a nova caçada, o *Tdẽkwa* já começa, por meio do sonho, a ir até a pessoa para começar a ensiná-la a virar pajé. O caçador acompanha o *Tdẽkwa*, se ele quiser. Portanto, assim que algum caçador começa a caçar com muita avidez e repetitivamente, os anciões avisam que é bom caçar e matar, mas não pode ser todos os dias. Essa atitude cultural ajuda a preservar a natureza e os próprios animais silvestres.

As caçadas tradicionais com arco e flechas, com fogo, com cães, eram as práticas mais utilizadas que não prejudicavam nada, não traziam consequências ruins para comunidade das aldeias. As caçadas eram organizadas coletivamente. O que eles caçavam era distribuído com todos os *Akwẽ/Xerente*. Portanto, as práticas das caçadas tradicionais, se avaliarmos hoje, são mais recomendadas e as que mais preservam. Tudo que a natureza nos oferece com os conhecimentos tradicionais temos que valorizar, passar para novas gerações, para os jovens indígenas adquirirem esses conhecimentos do povo *Akwẽ/Xerente*.

Algo que contribui atualmente para ameaçar as caças é o fogo que, no período da seca, causa grandes queimadas por todo o cerrado. No passado não era assim, pois havia outra relação com o fogo e as queimadas, sendo a caçada com fogo uma prática cultural, tal como descreve o ancião *Srêkbupre*:

Os Akwē/Xerente sempre caçavam com fogo. Faziam um círculo e deixavam uma abertura para as caças saírem e os caçadores matavam as caças com arcos e flechas. Era a prática das caçadas indígenas tradicional, sem a arma de fogo. E não queimava toda mata, quando acabavam de queimar o círculo o fogo já apagava. Era bem calculada pelos próprios indígenas e as experiências dos caçadores. E quando chegavam na aldeia, todos iam fazer a carne moqueada. E o cacique, como líder, chamava ou dava um grito: "venham está pronto, traz a vasilhas ou a mistura que a carne está pronta, assada, pronto para comer da caçada". E para a preparação da roça, também acontecia isso na forma de coletividade. Faziam roças muito rápido, porque tudo era em conjunto que os Akwē/Xerente trabalhavam. E para caçada também era tudo combinado com grupos ou comunidades da aldeia (Helói Srêkbupre, entrevista em 2021).

Hoje, quando acontecem a grandes queimadas descontroladas, a tendência é que os seres donos, os *Tdékwa*, tirem os animais do local, levando-os para outra parte da mesma área, mas para outra parte do território. Isso explica, também, o sumiço dos animais. Às vezes, já vi os caçadores comentando: hoje saí pela manhã, andei o dia todo e não vi nada. É porque os donos dos animais tiram os animais do local e levam para outros. Os anciões contam assim para os jovens e os caçadores.

6 A Importância da Influência da Lua (*wa*), na Vida Cotidiana dos *Akwē*

Para o povo *Akwē*, é de fundamental importância a ligação com conhecimento do universo, a visão de mundo indígena deixada por anciões, como conhecimento tradicional do nosso povo. Percebe-se que tudo que é ligado ao céu é muito importante para os anciões.

Em tempos passados não havia tecnologias para fazer a previsão de nada: do horário, calendário, sol, lua, chuva, fases da lua, estações do ano. Isso tudo era feito por meio da observação do céu e da lua. Os anciões costumam acompanhar ainda. Desde quando a lua sai, no começo da noite até o escurecer, os *Akwē/Xerente* já começam a olhar para verificar o que está informando a posição da lua para, assim, estarem bem-informados para a vida. Caso uma mulher *Akwē* venha a engravidar na lua cheia, a criança pode nascer grande, cheia de saúde, forte, sadia, viçosa como a lua. Isso os anciões comentam sobre a lua.

E quando a Lua e o Sol nascem os dois juntos, ou quando os dois se encontram (os cientistas chamam de eclipse), os anciões contam que eles ficam com muito medo de algum deles cair e matar os *Akwē/Xerente*. Ficam desesperados e ninguém sai de casa. Quando é durante o dia, ficam bem quietos e à noite também. Mas todos que existem na Terra, como as plantas, sentem esse fenômeno. Os que já plantaram as roças de toco acham muito ruim quando ocorre esse encontro de Sol e Lua, pois ficam com receio de que podem perder toda roça. Sendo assim, os anciões contam que tudo que somos e aprendemos está ligado aos céus. É difícil viver sem a conexão com o mundo celeste.

É uma visão de mundo diferente, porque acreditamos nessa ligação de saberes tradicionais indígenas *Akwẽ*. Quando a lua aparece na primeira semana (*wa watbrowi*), os Xerente já observam e falam se está *direcionando à direita, ou à esquerda, está no sentido reto, sentido a direita, vai fazer muito sol, e pode ter muitas doenças, à esquerda vai chover muito, o sentido reto, nenhuma previsão*, segundo a afirmação do ancião Jeová Sirnãre (em entrevista no ano de 2020).

E a lua influencia também em vários outros temas da vida cotidiana, como nos cortes de cabelos, nos nascimentos de crianças (nascimento em lua cheia é muito bom porque as crianças nascem grandes, com a pele bem branca). Essas são experiências de longa data, uma vez que desde quando o *Akwẽ* surgiu já tinha essa ligação, pois, segundo afirmam os anciões em suas narrativas, Sol e Lua também andavam aqui na Terra e viviam entre nós antes de irem ao céu.

Entretanto, os *Akwẽ/Xerente* têm experiência e conhecimento suficientes por estarem ligados e conectados ao mundo celeste, pois até hoje não existem outros calendários para os *Akwẽ* seguirem, já que eles não acreditam em outras fases, exceto as da lua. Esse conhecimento é guardado pelos anciões desde a ancestralidade do nosso povo. Por isso, ainda está muito forte o conhecimento tradicional, e é preciso conhecer a cosmovisão do povo *Akwẽ/Xerente* para entender a relação entre a etnoastronomia e a relação e a interação dos animais e do meio ambiente (visão de mundo).

Os povos indígenas, mesmo que tenham visões de mundo diferentes de um para outro, como é o caso aqui do povo *Akwẽ/Xerente*, vivem com essa visão de que tudo está ligado ao cosmos e acreditam na interação uns com os outros. Com isso, os conhecimentos são vivenciados de geração em geração para que continuem acreditando nesses valores. É importante compreender como interagimos com os elementos do meio ambiente e que eles são inseparáveis, um depende do outro: os indígenas para a sua sobrevivência e a natureza para ser preservada pelos indígenas. Acreditamos que isso seja preocupação dos indígenas de todo o Brasil, porque a natureza e o meio ambiente garantem a sobrevivência de todo mundo.

Os *Akwẽ/Xerente* têm respeito muito grande pelo que a natureza representa para nós. Por isso, temos cuidado e preservação dos seres que precisamos para nossa sobrevivência durante a vida do dia a dia. Todavia, há relação entre os seres donos *Tdẽkwa* e o poder de xamanismo, pois é por meio desse contato que é possível se transformar em um bom pajé (*Sekwa*), ou mau pajé. Porém sempre é esperado um bom pajé na comunidade ou aldeia.

Assim, se os não indígenas entenderem e compartilharem esse nosso conhecimento, teremos uma visão de mundo totalmente ligada à cosmovisão *Akwẽ*, pois ela está atrelada a tudo que os fenômenos celestes oferecem e que os seres da natureza nos dão para vivermos em harmonia. Se todos nós humanos respeitarmos a natureza, não termos pensamento de que a natureza e o meio ambiente estão à disposição para o lucro capitalista, a terra, a natureza e o meio onde estiver a mata virgem, viveremos em harmonia. Temos que fazer a derrubada para fazer plantios, mas não são derrubadas de grande porte ou desmatamento, queimadas descontroladas, grande criação de bovinos, acabando com áreas imensas, degradando o solo e desconhecendo esses saberes dos indígenas de todo o Brasil.

Diante disso, consideramos que o conhecimento tradicional e o saber indígenas *Akwẽ/Xerente* são primordiais. Temos muita coisa a ensinar para o mundo. Então, podemos compreender e afirmar a importância desses conhecimentos para todos.

A cosmovisão do povo *Akwẽ/Xerente* certamente é uma visão de mundo bem distinta de outros povos. E são essas visões de mundo que são a base referencial para as pessoas pensarem o mundo, se relacionaram neste mundo. Por isso, não podemos desmatar, poluir, e precisamos cuidar das nascentes, da mata ciliar dos córregos, não fazer queimadas descontroladas da área ou território *Akwẽ/Xerente*.

Quando são feitas ações com a natureza e o meio ambiente sem obedecer aos ensinamentos dos *Wawẽ*, em sua aldeia ou comunidade, acabamos fazendo coisas que não podemos, como as queimadas, por exemplo, ou então o corte ilegal de madeiras, coisa que estamos tendo dificuldade em nosso território. E lembrando sempre que se você tira da natureza, de qualquer forma, acarretará consequências em nossas vidas.

Além das mudanças radicais do clima, com eventos extremos, também vivemos em aldeias que às vezes estão muito próximas de projetos de agronegócio e/ou outros empreendimentos que dizem que vão trazer coisas boas, condições de vida melhores para população indígena como um todo, mas que acabam nos prejudicando. No entorno do território *Akwẽ/Xerente*, convivemos com grandes projetos de soja, cana-de-açúcar e milho no Projeto de Desenvolvimento do Cerrado (PRODECER)³, com a UHE Luís Eduardo Magalhães e no rio Tocantins ainda existe outra hidrelétrica que impacta o povo Krahô e Apinaje (UHE Estreito), além de muitas plantações de eucalipto para a indústria siderúrgica do Maranhão. Tudo isso ameaça a vida dos povos originários.

Todo esse contexto até hoje trouxe só consequências ruins às populações indígenas em geral, e aos *Akwẽ* particularmente. O capitalismo do homem branco está sempre trazendo dificuldades para povos originários, os quais são detentores de amplos conhecimentos tradicionais que sempre são passados de geração a geração para serem vivenciados com o intuito de garantir e de fortalecer a cultura, mesmo com várias mudanças no cotidiano do convívio do povo *Akwẽ/Xerente*.

Entretanto, mesmo com tantas dificuldades com a comunidade indígena *Akwẽ/Xerente*, ainda resistimos fortemente e praticamos a cultura, com os cânticos, as histórias, as festas tradicionais, a organização social, as pinturas corporais, a participação de tudo que envolve as questões indígenas.

E todos nós *Akwẽ/Xerente* estamos cientes da importância da influência da lua nas vivências e a ligação com o universo celeste, pois, desde o seu surgimento, os Xerente já tinham contato, e com as experiências de vida, esse conhecimento se firmou. E os anciões têm esses conhecimentos entre a visão de mundo diferente que não pode mais ser desconsiderada.

A cosmovisão e o conhecimento tradicional, assim como a ligação com o mundo celeste do povo *Akwẽ*, é a garantia de vida, de importância e de valor não só para nós, mas para todos os povos indígenas. Por isso que os anciões prezam e afirmam a todos

³ Trata-se do Programa de Cooperação Nipo-brasileira para o Desenvolvimento dos Cerrados (PRODECER). Teve início nos anos de 1970, sendo que a primeira fase atuou mais nos cerrados de Minas Gerais. A segunda atingiu as áreas centrais dos estados de Minas Gerais, Goiás, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul e Bahia. A terceira Fase (PRODECER III) teve início em 1996 e foi implantada nos municípios de Pedro Afonso (TO) e Balsas (MA). Sobre esse assunto, ver Rodrigues, Vasconcelos e Barbiero (2009).

que não conseguiremos viver sem essa troca de conhecimentos que o *Waptokwazawre*⁴ deixaram a todos nós *Akwẽ*.

7 Considerações Finais

A relação dos corpos celestes, junto com a cosmologia para interpretar os comportamentos dos animais e das plantas, na interpretação ambiental Xerente, é muito rica e importante. Desde o surgimento do povo *Akwẽ* e da nossa organização social, existem os conhecimentos tradicionais ancestrais que devemos conhecer por meio dos nossos anciões. Como vamos ter esse conhecimento? Pelas práticas, pelos ensinamentos, pelas festas tradicionais e pela língua para mantemos a identidade viva e forte.

Portanto, jamais devemos nos esquecer dos saberes tradicionais do nosso povo *Akwẽ/Xerente* e também dos conhecimentos de outros povos indígenas, porque os conhecimentos tradicionais têm uma ligação com a natureza viva. E todos os conhecimentos indígenas são distintos, mesmo com as organizações diferentes de cada povo.

Não tem como estar desconectado da influência da lua para a vida do povo *Akwẽ/Xerente*, pois a vida do nosso povo sempre esteve ligada aos astros e ao cosmos. Isso porque, segundo os anciões fazem as narrações, o Sol, a Lua, as estrelas, eram gente antes de ocorrer as transformações, para estarem cada um em seu devido lugar, cada um fazendo a sua parte. Com isso, um depende do outro, os indígenas dos astros, da natureza e do meio ambiente, para a nossa sobrevivência. Porém a ciência moderna desconhece esses valores, os saberes com o mundo físico e até mesmo espiritual. Então nós temos que valorizar o conhecimento tradicional que *Waptokwazawre* nos deixou para passarmos para jovens *Akwẽ/Xerente* e, para tanto, deve-se ter a consciência de que um povo será forte, com identidade firme, se estiver baseado no conhecimento tradicional, mesmo com as suas transformações.

Todos nós sabemos que a cultura sofre alterações com as mudanças impostas pelo mundo. Porém estamos cientes de que precisamos nos valorizar para sermos vistos como um povo que tem cultura e organização distintas, com uma ligação com a natureza, com o mundo espiritual, com a ligação com todos os seres donos, os *Tdẽkwa*, assim como a ligação com o mundo celeste, que é a nossa cosmovisão indígena. E aqui com o povo *Akwẽ/Xerente*, existem esses valores e temos que estar conscientes disso.

Pelo conhecimento tradicional do povo *Akwẽ/Xerente*, com a prática e a vivência da nossa cultura, cosmologia e organização clânica, acreditamos que a influência das fases da lua é de fundamental importância para nos guiar na nossa vida. Sem as guias da lua, ficamos desorientados, porque não iremos definir rumos certos de acordo com o que a lua está nos indicando.

Sendo assim, hoje, com as mudanças radicais de tudo, estamos confusos! Os anciões não estão mais detectando corretamente. Não é culpa deles, pois com as mudanças do tempo, clima, observamos que está mais quente, está cheio de fumaças, que surgem sérias doenças respiratórias em crianças e até mesmos em adultos, em animais também.

⁴ *Waptokwazawre* é o demiurgo criador de todas as coisas. É associado ao astro Sol (*Bdã*).

Por isso, a escassez de animais, pois isso contribui para o desaparecimento de animais silvestres em áreas *Akwẽ/Xerente*.

Sabemos que ninguém tem o conhecimento que os indígenas têm. Afinal, aqui com o povo *Akwẽ/Xerente* existem os conhecimentos dos anciões que são muito respeitados. Temos que estar conscientes disso. E somente nós Xerente possuímos esses conhecimentos cosmológicos que compartilhamos ancestralmente e que nos faz um povo único.

Parece que o mundo quer acabar com tudo de bom que temos em nosso meio, mas o *Waptokwazawre* está sempre ao lado dos *Akwẽ/Xerente*. Temos que lutar e os anciões sempre falam assim: *estamos preocupados porque vocês que têm que agir para dar garantia de vidas tranquilas porque quem vai permanecer aqui na terra depois que morremos vão ser vocês*. Eles dizem isso aos jovens.

As coisas estão acabando, como os animais, devido ao excesso de caçadores, de caçadas predatórias, os peixes com as pescas predatórias, excesso de queimadas realizadas pelo homem. Os córregos, que antes eram de muita água, estão secando. A riqueza que antes tínhamos e estamos perdendo. O que fazer? Nós nos perguntamos. Os jovens têm que estudar para nos ajudar e enfrentar essa luta para termos respeito, a nós mesmos e ao nosso território.

Referências

- AFONSO, G. B. Astronomia Indígena. **Revista História**, [s.l.], v. 1, n. 61, p. 62-65, 2010.
- DE PAULA, Luís Roberto. **Dinâmica faccional Xerente**: esfera local e processos sociopolíticos. 2000. 342p. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000.
- FARIAS, A. J. T. P. **Fluxos sociais Xerente**: organização social e dinâmica das relações entre aldeias. 1994. 196f. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1994.
- GIRALDIN, O. Povos indígenas e não indígenas: uma introdução à história das relações interétnicas no Tocantins. In: GIRALDIN, O. (org.). **A (Trans)formação Histórica do Tocantins**. Goiânia; Palmas: Editora UFG; Unitins, 2002. p. 109-136.
- GIRALDIN, O. Cosmologia de alguns povos Macro-Jê. Reflexões para pensarmos o (necessário) convívio intercultural. In: PIMENTEL DA SILVA, M. do S.; SOUZA, Lorena I. P. (org.). **Diálogos Interculturais**: reflexões docentes. Goiânia: Imprensa Universitária, 2018. p. 143-172.
- LOPES DA SILVA, A. L. da; FARIAS A. J. T. P. Pintura corporal e sociedade: os 'partidos' Xerente. In: VIDAL, L. (org.). **Grafismo Indígena**: estudos de antropologia estética. São Paulo: Studio Nobel; Fapesp; Edusp, 1992. p. 89-116.
- MAYBURY-LEWIS, D. **O Selvagem e o Inocente**. Campinas: Editora da Unicamp, 1990.
- MELO, Valéria Moreira Coelho de. **Diversidade, Meio Ambiente e Educação**: uma reflexão a partir da sociedade Xerente. 2010. 112f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Tocantins, Palmas, 2010.
- MELO Valéria M. C. **O movimento do Mundo**: Cosmologia, Alteração e Xamanismo entre os *Akwẽ-Xerente*. 2016. 209f. Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2016.
- MORAIS-NETO, Odilon Rodrigues. **Sawrepté**: imagens do Brasil Central. 2007. 101p. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade de Brasília, Brasília, DF, 2007.

MORAIS-NETO, Odilon Rodrigues. **O mundo de Justiniano Sawrepte**: sonhos, espíritos e mortos no Brasil Central. 2020. 283p. Tese (Doutorado) – Universidade de Brasília, Brasília, DF, 2020.

NIMUENDAJÚ, Curt. **The Serente**. Los Angeles. The Southwest Museum, 1942.

RAPOSO, Cláisse M. dos A. **Produzindo diferença**: gênero, dualismo e transformação entre os Akwẽ-Xerente. 2009. 135p. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2009.

ROCHA, T. E. da S.; SILVA, R. P. da; NASCIMENTO, M.M. do. Mudanças dos hábitos alimentares entre os Akwen Xerente. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, São Paulo, v. 50, número especial, p. 96-100, 2016.

RODRIGUES, W.; VASCONCELOS, S. J.; BARBIERO, A. K. Análise da efetividade socioeconômica do Prodecer III no município de Pedro Afonso, Tocantins. Pesquisa **Agropecuária Tropical**, Goiânia, v. 39, n. 4, p. 301-306, 2009. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/pat/article/view/5581>. Acesso em: 30 set. 2022.

SCHMIDT, Rosana. “**Nossa cultura é pequi, frutinha do mato**”: um estudo sobre as práticas alimentares do povo Akwẽ. 2011. 128p. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2011.

SCHROEDER, Ivo. **Política e parentesco nos Xerente**. 2006. 303p. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.

SUMEKWA XERENTE, Valcir. **Conhecimentos Akwẽ e conhecimentos científicos ocidentais sobre meio ambiente e interações das espécies da fauna**: um estudo na interdisciplinaridade e interculturalidade. 2020. 177p. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Tocantins, Palmas, 2020.

Alexandre Chaparzane Xerente

Professor na Escola Estadual Indígena Sremtowe, da aldeia Porteira. Graduado em Serviço Social pela Universidade Federal do Tocantins, em 2016, e graduando em licenciatura em Educação Intercultural na Universidade Federal de Goiás. Mestre em Ciências do Ambiente pela Universidade Federal do Tocantins, em 2022, e doutorando em Antropologia Social pela Universidade Federal de Goiás.

Endereço profissional: Aldeia Porteira, Terra Indígena Xerente Zona Rural Tocantínia, TO. CEP: 77640-000.

E-mail: alexandrexerente@hotmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5740-7619>

Odair Giraldin

Graduado em História, em 1989, mestre em Antropologia Social, em 1994, e doutor em Ciências Sociais, em 2000, pela Universidade Estadual de Campinas. Professor titular aposentado da Universidade Federal do Tocantins.

Endereço profissional: UFT, Campus de Porto Nacional, Rua 7, Quadra 15, s/n. Jardim dos Ipês, Porto Nacional, TO. CEP: 77500-000.

E-mail: giraldin@uft.edu.br

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6230-493X>

Como referenciar este artigo:

XERENTE, Alexandre Chaparzane; GIRALDIN, Odair. A Influência da Lua nas Vivências e nas Interpretações Culturais a partir do Olhar Akwẽ/Xerente. **Ilha – Revista de Antropologia**, Florianópolis, v. 25, n. 2, e85899, p. 130-144, maio de 2023.